

# A Integração Social e Econômica dos Imigrantes Espanhóis no Brasil

HERBERT S. KLEIN

## Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a natureza da imigração espanhola no Brasil e seus graus de integração econômica e social. Este estudo preliminar mostra que a posse da terra era o principal objetivo da primeira geração de imigrantes espanhóis e, na década de 1930, constituíam claramente uma força dominante na agricultura paulista. Os dados também mostram que enquanto na década de 1910 os espanhóis foram os mais endógamos dentre os imigrantes europeus, em fins da década de 1930 eles se voltavam para a aculturação intensiva com a população brasileira nativa.

**Palavras-chave:** imigração espanhola, integração econômica e social.

## Abstract

The objective of this article is to analyse the nature of Spanish immigration in Brazil and its rates of economic and social integration. This preliminary study shows that the land ownership was a major goal of the first generation of Spanish immigrants and by the 1930's they were clearly a dominant force in paulista agriculture. The data also show that while the Spanish migrants of the 1910's had been the most endogamous of the European migrants, by the late 1930's they were moving toward intensive acculturation with the native Brazilian population.

**Key words:** Spanish immigration, economic and social integration.

A grande onda migratória de europeus e asiáticos que se seguiu à abolição da escravidão em 1888 trouxe ao Brasil cerca de 5 milhões de imigrantes. Nessa migração em massa, os espanhóis desempenharam um papel fundamental. Os 750 mil espanhóis que entraram no Brasil no decorrer dos setenta

---

*O autor é professor da Columbia University.*

Tradução de Laura Teixeira Motta do original "The social economic integration of Spanish immigrants in Brazil".

anos seguintes, tiveram participação vital na expansão da economia cafeeira do país e a seguir no desenvolvimento da grande economia urbana e agrícola do estado de São Paulo. Em termos nacionais eram os terceiros em importância, após italianos e portugueses, mas sua concentração em São Paulo colocava-os em segundo lugar nesse estado vital. O ensejo de sua migração, como ocorreu com os italianos, vinculou-se totalmente às demandas por trabalhadores agrícolas não-especializados na lavoura cafeeira em expansão no planalto do oeste paulista. Com a deserção em massa de 150.000 escravos das fazendas cafeeiras paulistas em expansão, os fazendeiros, em 1886, forçaram o estado a começar a subsidiar a vinda de imigrantes (CAMARGO, 1981, p. 115)<sup>(1)</sup>, tarefa que o governo federal assumiu durante os anos seguintes, e que perduraria até 1926<sup>(2)</sup>.

Foi esse subsídio e a real possibilidade de poupar e ter acesso à terra que finalmente tornaram o mercado de trabalho brasileiro atraente para os trabalhadores europeus. Embora a colonização agrícola houvesse trazido camponeses alemães e italianos para as regiões do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Curitiba no século dezenove e comunidades agrícolas planejadas desse tipo continuassem a ser estabelecidas mesmo no decorrer do século vinte em estados mais setentrionais como o Espírito Santo, essas migrações forneceram uma parte insignificante da força de trabalho nacional. Foram os 4 milhões de africanos trazidos ao Brasil desde os primórdios da colonização até 1850<sup>(3)</sup> que forneceram o grosso da mão-de-obra agrícola nas grandes lavouras exportadoras de açúcar, algodão e café. Esses trabalhadores negros, por sua vez, foram suplementados por uma força de trabalho mista composta de mestiços e brancos naturais da terra. Nesse contexto, os imigrantes europeus compunham apenas um pequeno elemento em uma economia agrícola predominantemente de subsistência ou regional. Com efeito, ainda em 1872 eles representavam não mais do que 3,8% da população nacional e tão-somente 3,5% da popula-

(1) Esse também foi o ano do início da famosa hospedaria, em São Paulo, destinada a abrigar e encaminhar os imigrantes recém-chegados.

(2) Entre 1889 e 1929, 57% desses imigrantes foram levados para o estado de São Paulo, 45% deles recebendo subsídios para custear seu transporte desde a Europa até as fazendas do interior (MERRICK & GRAHAM, 1981, p. 125, Tabela 5.2). Durante as duas primeiras décadas dessa migração em massa (ou até 1900), esses números foram, respectivamente, da ordem de 70% de todos os imigrantes dirigindo-se a São Paulo, com 70 a 90% sendo subsidiados. Mesmo na primeira década do novo século, metade dos imigrantes ainda fluiu para São Paulo, e desses, mais de 50% eram subsidiados. O subsídio só deixou de desempenhar seu papel predominantemente fomentativo após essa data, e mesmo então jamais declinou a menos de um terço de todos os imigrantes chegados a São Paulo. Concorrendo manifestamente com a Argentina e os Estados Unidos, o Brasil só poderia começar a atrair um grande número de trabalhadores mediante o emprego de subsídios. Foi somente quando já ia avançada a década de 1910 que a migração européia finalmente começou a se auto-sustentar.

(3) Para as estatísticas sobre o tráfico de escravos africanos para o Brasil, ver KLEIN (1987, p. 51-59.)

ção de São Paulo. Em 1900 comporiam 7% da população nacional e atingiriam a significativa proporção de 21% da população do estado de São Paulo (MERRICK & GRAHAM, 1981, p. 126, quadro 5.3)

Nessa onda migratória moderna, os espanhóis foram um elemento notável. Pouco antes de 1914 superaram temporariamente os italianos em importância, perfazendo 22% de todos os imigrantes entrados no Brasil (ver tabela 1). Como os italianos, o grosso dos imigrantes espanhóis entrou no país antes de 1930, conquanto houvesse novamente um fluxo importante após a Segunda Guerra Mundial. Mas a maior parte dessa imigração esteve ligada ao movimento da economia cafeeira e a fatores externos como a eclosão da guerra na Europa. Portanto, examinando os dados disponíveis, parece que no período anterior à Primeira Guerra Mundial os espanhóis foram atraídos ao Brasil, principalmente pelo subsídio ao transporte concedido pelos governos federal e estaduais brasileiros. Assim, dos 102.800 espanhóis que passaram pela Hospeda-

TABELA 1

## PRINCIPAIS GRUPOS DE IMIGRANTES ENTRADOS NO BRASIL, 1820-1972

Período	Italianos	Portugueses	Espanhóis	Japoneses	Total
1820-1876	16.562	160.119	2.901	—	350.117
1877-1886	132.153	83.998	15.715	—	273.162
1887-1903	995.620	305.582	193.607	—	1.654.830
1904-1914	212.063	412.607	243.617	15.543	1.085.849
1915-1918	17.647	41.897	31.539	9.728	111.648
1919-1930	116.319	337.723	91.776	75.382	945.284
1931-1940	18.328	95.740	9.937	86.414	288.607
1941-1945	276	9.073	275	1.548	18.432
1946-1963	115.754	320.595	123.590	53.556	799.365
1964-1972	4.527	22.980	4.467	5.836	74.082
<b>Totais</b>					
(1820-1930)	1.490.364	1.341.926	579.155	100.653	4.420.890
(1820-1972)	1.629.249	1.790.314	717.424	248.007	5.601.376

Fontes: FERREIRA LEVY (1974, p. 74, Tabela 2). Os dados oficiais para 1884-1953 encontram-se em IBGE (1954, p. 59).

ria dos imigrantes em São Paulo a caminho dos cafezais entre 1910 e 1915, apenas cerca de 15.630, ou 15%, custearam o próprio transporte<sup>(4)</sup>.

Meu objetivo neste artigo é analisar a natureza dessa imigração e seus graus relativos de integração econômica e social à economia e sociedade brasileiras. Considerando a escassez de trabalhos sobre o tema e as particularidades das estatísticas imigratórias no Brasil<sup>(5)</sup>, este estudo será em muitos aspectos preliminar, esperando-se, contudo, que forneça o perfil básico da evolução desse importante grupo de imigrantes espanhóis na América.

No contexto da imigração espanhola para a América, o Brasil representou uma alternativa importante para um grande número de imigrantes provenientes principalmente das províncias da Galiza e Andaluzia. Na imigração maciça após-1880, os países preferidos pelos imigrantes espanhóis foram a Argentina, a seguir Cuba (que atraiu a maioria dos imigrantes das Ilhas Canárias) e em terceiro lugar o Brasil. No total de todos os espanhóis que emigraram da Espanha entre 1880-1930, cerca de 12% vieram para o Brasil (ver tabela 2), o que perfaz aproximadamente 15% de todos os que vieram para a América<sup>(6)</sup>. Dos emigrantes que se dirigiram para o Brasil, no mínimo três quartos foram subsidiados pelos vários governos brasileiros. Embora o subsídio fosse oficialmente ilegal na Espanha até 1907, na verdade os contratos de "enganche" eram comuns. No caso da Galiza, a esmagadora maioria dos imigrantes compunha-se de camponeses proprietários de pequenas glebas. Isso contribuiu para o fa-

(4) REPARTIÇÃO DE ESTATÍSTICA E ARCHIVO DO ESTADO. *Anuário estatístico de São Paulo, 1909*. São Paulo, I, p. 36-7; *ibid.*, 1910, p. 36-7; *ibid.*, 1911, II, p. 5; *ibid.*, 1912, I, p. 101; *ibid.*, 1913, I, p. 100; *ibid.*, 1914, I, p. 109.

(5) As estatísticas sobre a migração no Brasil são relativamente incompletas. Em contraste com a maioria dos outros países americanos, por exemplo, as estatísticas raramente registram os imigrantes de segunda geração (nascidos no Brasil de pais estrangeiros). Portanto, é difícil calcular o impacto produzido pelos imigrantes no longo prazo, e todas as estatísticas sobre imigração aqui apresentadas referem-se apenas aos nascidos no exterior. Outro dado geralmente fornecido é a reemigração, que infelizmente no caso brasileiro não categoriza os imigrantes que regressaram, segundo o país de origem. As informações concernentes à mobilidade econômica limitam-se principalmente às propriedades na zona rural, praticamente inexistindo estatísticas sobre a participação dos estrangeiros por país de origem no comércio ou indústria durante qualquer período, pelo menos em termos nacionais e estaduais. Não há praticamente estudos versando sobre a participação dos imigrantes na política e na cultura, e os poucos trabalhos sobre o comportamento social e econômico dos grupos de imigrantes restringem-se, em sua maioria, a pequenas comunidades rurais.

(6) A Argentina, entre 1882-1930, absorveu-se cerca de 39% de todos os imigrantes espanhóis, e juntamente com o Brasil acolheu 51% desses imigrantes europeus. Cuba, por sua vez, permaneceu entre esses dois países, recebendo no total aproximadamente 25% de todos os imigrantes. Entre 1902 e 1926, o único período para o qual dispomos de estatísticas comparáveis para os três países, o Brasil recebeu 14% de todos os chegados à América, a Argentina 57%, e Cuba 29%. Esses cálculos baseiam-se nos números de emigrantes espanhóis fornecidos em DIRECCION GENERAL DEL INSTITUTO GEOGRAFICO, CATASTRAL Y DE ESTADÍSTICA, 1933, p. II; os referentes ao Brasil são os mesmos da tabela 1, e os da Argentina e Cuba encontram-se nos trabalhos de SANCHEZ-ALONSO (1988) e IGLESIAS (1988).

TABELA 2

MÉDIA ANUAL DE EMIGRAÇÃO ESPANHOLA E ENTRADA DE  
IMIGRANTES ESPANHÓIS NO BRASIL E ARGENTINA, 1882-1960(\*)

Quinquênio	(A) Saídas da Espanha	(B) Entradas no Brasil	(C) Entradas na Argentina	(B/A) Brasil %	(C/A) Argentina %	B/B+C) Brasil % na Amér. do Sul
1882-1885	53.557	2.071	4.922	3,9%	9,2%	29,6%
1886-1890	79.414	5.968	27.126	7,5%	34,2%	18,0%
1891-1895	82.665	19.048	7.330	23,0%	8,9%	72,2%
1896-1900	83.246	12.375	19.053	14,9%	22,9%	39,4%
1901-1905	75.824	8.728	29.355	11,5%	38,7%	22,9%
1906-1910	150.205	17.120	101.177	11,4%	67,4%	14,5%
1911-1915	175.846	25.707	96.838	14,6%	55,1%	21,0%
1916-1920	99.844	8.281	21.000	8,3%	21,0%	28,3%
1921-1925	105.857	9.166	42.873	8,7%	40,5%	17,6%
1926-1930	89.572	6.036	39.961	6,7%	44,6%	13,1%
Total (Média anual)	4.926.585 (985.317)	570.439 (114.088)	1.943.253 (388.651)	11,6%	39,4%	22,7%

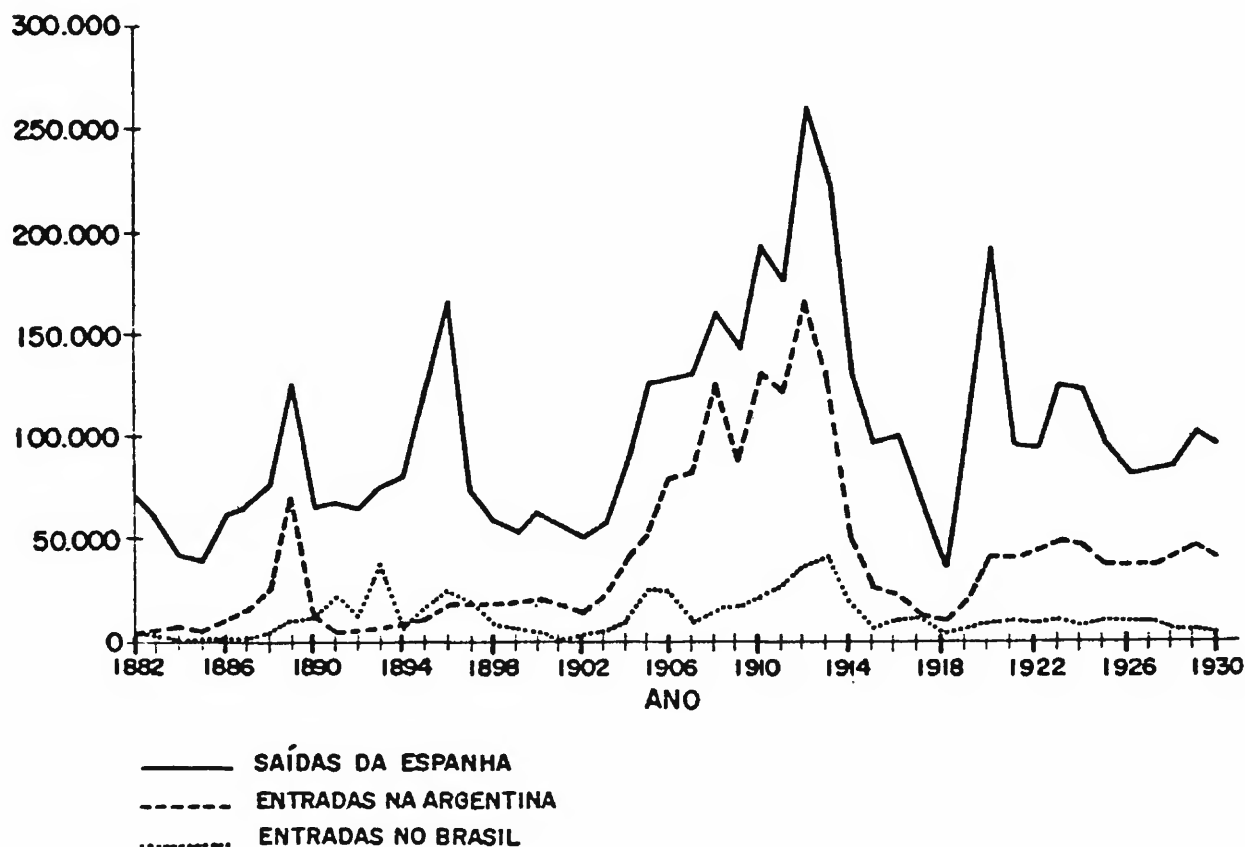
Notas: (\*) As estatísticas de imigração do governo espanhol iniciaram-se somente em 1882, ano que usei como base para todas as outras séries. Isso explica também por que o primeiro grupo de anos, 1882-85, abrange apenas quatro anos.

Fonte: Os dados de saída da Espanha encontram-se em DIRECCION GENERAL DEL INSTITUTO GEOGRÁFICO CATASTRAL Y DE ESTADÍSTICA (1933, p. ii); os referentes ao Brasil são os mesmos da tabela 1; os da Argentina provêm de SÁNCHEZ - ALBORNOZ (1988, p. 215-216).

to de a elite local e os altos funcionários governamentais preocuparem-se muito pouco com a perda de população em zonas densamente povoadas de minifúndios agrícolas. Com isso, e com a ajuda de uma extensa rede local de agentes recrutadores, essa atividade supostamente ilegal pôde ser exercida abertamente nos portos regulares. Assim, a maior parte dos emigrantes galegos partiu diretamente de Vigo e Coruña – efetivamente, mais da metade de todos os espanhóis que embarcaram para a América saíram desses dois portos (TABOADA, 1979, p. 152), embora uma quantidade ainda desconhecida tenha

## GRÁFICO 1

## EMIGRAÇÃO ESPANHOLA COMPARADA À ENTRADA DE IMIGRANTES ESPANHÓIS NO BRASIL E ARGENTINA, 1882-1930



embarcado em portos portugueses<sup>(7)</sup>. No caso da Andaluzia, onde predominavam os trabalhadores agrícolas sem terra e o controle senhorial era mais forte, os contratos subsidiados foram mais difíceis de organizar e, ao que parece, o grosso das famílias emigrantes subsidiadas foram obrigadas a embarcar no porto britânico de Gibraltar<sup>(8)</sup>.

(7) Um excelente estudo sobre a imigração galega é o de VÁZQUEZ (1988, p. 80-104.)

(8) O navio a vapor *Espagne*, que realizou numerosas viagens entre Gibraltar e Rio de Janeiro no primeiro semestre de 1911, caracteriza bem as chegadas de imigrantes naturais da Andaluzia. Em 12 de janeiro o *Espagne* trouxe 39 famílias (178 adultos e crianças); em 13 de março, desembarcou 55 famílias (168 pessoas no total), e em 4 de junho, 143 famílias (737 homens e mulheres), todas espanholas. Outro navio a vapor francês, o *Provence*, aportou no Rio de Janeiro vindo de Gibraltar em 6 de maio com 183 famílias espanholas (811 pessoas) (ARQUIVO NACIONAL, Entrada de Estrangeiros, livro 100). Esse volume manuscrito contém informações sobre o período de janeiro a junho de 1911. Um estudo sobre a situação dos imigrantes andaluzes é apresentado em BERNAL (1988, p.143-165.)

Conquanto para os períodos individualmente considerados variassem os números de imigrantes que chegavam a seus destinos, números esses nem sempre correlacionados com os movimentos da Espanha (ver tabela 2 e gráfico 1) – como foi o caso na década de 1890 e novamente na de 1910 – em termos gerais verificou-se uma correlação significativa entre a emigração na Espanha e as estatísticas de imigração brasileiras. Uma vez que o Brasil foi o terceiro em importância como país de destino dos emigrantes espanhóis durante a maior parte do período 1882-1930, essa correlação não é surpreendente. Considerando igualmente a história comum no que concerne à absorção de imigrantes, o movimento de espanhóis chegados à Argentina também apresentou correspondência bastante significativa com as entradas no Brasil. Apenas no caso de Cuba, com suas variações muito pronunciadas nos padrões migratórios devido a grandes conflitos políticos locais, não houve correlação significativa no longo período considerado<sup>(9)</sup>. Igualmente, como se poderia esperar, dada a origem andaluza e galega da maioria dos imigrantes espanhóis chegados ao Brasil, no mínimo 80% dos mesmos ocuparam-se na agricultura, o que também refletia os fatores da demanda no mercado americano ao qual chegavam.

Assim como os italianos e os japoneses, os espanhóis foram trazidos ao Brasil, principalmente para trabalhar nas lavouras de café, em substituição aos escravos libertados que abandonaram as fazendas, tornando-se camponeses e posseiros nas antigas zonas cafeeiras. Enquanto os imigrantes italianos e portugueses dirigiram-se a outras províncias, os espanhóis, à semelhança dos japoneses, foram os que mais se concentraram na província de crescimento mais rápido, no coração da zona cafeeira – o estado de São Paulo. Por ocasião do censo de 1920, 78% dos 219.142 imigrantes nascidos na Espanha residiam nesse estado – o maior percentual dentre todos os grupos de europeus<sup>(10)</sup>. Ademais, apesar do fim da imigração na década de 1920 e da conti-

(9) A correlação entre a saída de emigrantes da Espanha e a entrada de espanhóis no Brasil de 1882 a 1930 foi 0,68; para a Argentina, a correlação foi ainda mais elevada, alcançando 0,85. A correlação entre os desembarques na Argentina e no Brasil nesse mesmo período foi menos significativa, chegando a 0,56.

(10) A distribuição da população estrangeira em 1920 foi a seguinte:

Origem	% em São Paulo (n = Total no Brasil)		% de Estrangeiros em São Paulo (n = Total em São Paulo)	
Espanhóis	78,2%	(219.142)	20,6%	(171.289)
Italianos	71,4%	(558.405)	48,1%	(398.797)
Portugueses	38,6%	(433.577)	20,1%	(167.198)
Japoneses	87,3%	( 27.976)	2,9%	( 24.435)
Total	100%	(1.565.961)	100%	(829.851)

Fontes: DIRECTORIA GERAL DE ESTATÍSTICA, 1920, "Populações", IV, 1ª parte, p. 313-317.

nua entrada de migrantes espanhóis – aproximadamente mais de 200.000 até o final da grande imigração no início da década de 1960<sup>(11)</sup> – os espanhóis continuaram a concentrar-se em São Paulo. Segundo o censo de 1940, 81% da população de 160.557 residentes na Espanha viviam nesse estado (IBGE, 1958, p. 17)<sup>(12)</sup>.

É essa concentração que faz dos relatórios estatísticos sobre imigração no estado de São Paulo fonte tão importante para o estudo do caráter da imigração espanhola. Sendo o governo paulista o único (estadual ou federal) no Brasil a fornecer classificações detalhadas dos imigrantes segundo idade, instrução e ocupação, os dados referentes aos imigrantes espanhóis entrados em São Paulo entre 1908 e 1936 (ver tabela 3) são fundamentais para a descrição da maioria dessa população (SECRETARIA DE AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, 1937, p. 74).

Nesse fluxo migratório, os espanhóis destacaram-se entre os imigrantes europeus por serem os mais orientados para a família e por trazerem a maior proporção de crianças. Nesse aspecto, assemelharam-se muito aos japoneses. Embora os italianos vindos para o Brasil contassem com a maior proporção de casados e trouxessem comparativamente mais filhos do que os demais grupos de italianos chegados à América, sua orientação para a família e filhos ainda assim foi bastante inferior à dos espanhóis.

Ainda em comparação com os demais europeus, os espanhóis foram os que mais se categorizaram como trabalhadores agrícolas, assemelhando-se, também neste aspecto, mais aos japoneses. No entanto, o mais surpreendente é que, até mesmo em comparação com os portugueses, os espanhóis inquestionavelmente constituíram o menos instruído dentre os principais grupos de estrangeiros que ingressaram no país nesse período.

Não obstante as desvantagens em termos de instrução, o fato de os espanhóis concentrarem-se no estado brasileiro mais rico e de crescimento mais rápido permitiu-lhes saírem razoavelmente bem na obtenção de acesso à terra. Mesmo nesse aspecto, porém, os italianos, sendo mais numerosos e tendo chegado mais cedo, tiveram mais êxito, assim como haviam tido, inicialmente, os portugueses. Já em 1905, quando haviam chegado apenas cerca de 230.000 imigrantes, constatou-se que os espanhóis concentravam-se como

---

(11) Para um total em 1972 de 716.052 entradas desde a década de 1820. Ver FERREIRA LEVY (1974, p. 71-73, Tabela 1).

(12) Novamente, os japoneses, com 91% de residentes no estado de São Paulo, foram os únicos outros imigrantes que se aproximaram um pouco dos números referentes à concentração dos espanhóis (IBGE, 1958, p. 40). Embora aproximadamente a mesma proporção de imigrantes italianos e espanhóis tenha se dirigido inicialmente para São Paulo no período 1872-1972 (FERREIRA LEVY, 1974 p. 83, Tabela 8), os italianos parecem ter se deslocado muito mais, como indicam os dados sobre residência em cada censo.



TABELA 3

CARACTERÍSTICAS DOS PRINCIPAIS GRUPOS DE IMIGRANTES  
DESEMBARACADOS NO PORTO DE SANTOS, 1908-1936

	Italianos	Portugueses	Espanhóis	Japoneses	Total
<b>População Total</b>	202.749	275.257	209.282	176.775	1.222.282
Nº de Grupos					
familiares	28.374	35.044	33.955	31.412	174.928
% Sozinhos	42	53	18	5	37
<b>Idades</b>					
% Mais de 12 anos	78	81	68	70	77
% 7 a 12 anos	8	7	12	11	8
% Menos de 7 anos	14	12	20	19	15
<b>Razão entre os sexos</b>	1,83	2,12	1,46	1,28	1,76
<b>Estado Civil:</b>					
% Casados	42	43	37	42	39
% Solteiros	55	55	60	56	58
% Viúvos	3	2	3	2	2
<b>Analfabetos (%)</b> (*)	32	52	65	10	34
<b>Ocupações:</b>					
% Agricultores	50	48	79	99	59

Notas: (\*) Porcentagem de analfabetos entre a população de 7 anos ou mais.

Fonte: SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO (1937, apêndice, tabela não numerada) "Movimento Imigratório pelo porto de Santos... 1908 a 1936" e Quadro A-16, p. 69.

proprietários de terras no planalto ocidental, zona cafeeira central de São Paulo, que continha 73% das 476 fazendas possuídas por espanhóis no estado. Essas fazendas perfaziam somente 1,1% das fazendas nessa região cafeeira, e mesmo nessa época elas eram, em sua maioria, marginais, pois apresentavam o mais baixo valor médio por propriedade para qualquer grupo de estrangeiros, e seu valor total era insignificante – apenas 0,3% de todas as fazendas cafeeiras da região (HOLLOWAY, 1984, p. 222-225, tabelas 7-8).

No entanto, a constante chegada de espanhóis e sua permanente capacidade de economizar recursos a partir de seus complexos contratos de trabalho – à semelhança dos italianos – capacitou-os a aumentar uniformemente seu acesso à terra. Embora haja poucas dúvidas de que os cafeicultores explo-

raram os trabalhadores subsidiados e de que muitas famílias tiveram experiências negativas durante os anos em que trabalharam como colonos nas fazendas de café, também é inquestionável que números significativos de colonos conseguiram economizar dinheiro e deixar a condição de sem-terra<sup>(13)</sup>. Todas as estimativas contemporâneas sobre poupança média feitas por observadores italianos, bem como posteriormente as de historiadores, indicam que um contrato de cinco anos para uma família poderia facilmente permitir uma poupança suficiente para a compra de terra na região (ALVIM, 1986, p. 93 ss.; HOLLOWAY, 1984, cap. 4). Também é evidente, como mostram os detalhados estudos de Holloway sobre a propriedade da terra em São Paulo em 1905, que todos os imigrantes tendiam principalmente a ser de início pequenos proprietários de terra e concentrar-se em terras mais marginais, setores mais antigos e fronteiras abertas<sup>(14)</sup>. Entretanto, de um censo para outro, suas participações relativas em termos de cafeeiros e valores totais aumentaram até se tornarem sérios concorrentes para os cafeicultores nascidos no país<sup>(15)</sup>.

Em 1920, quando haviam entrado cerca de 470.000 espanhóis, seu acesso à terra crescera consideravelmente, embora ainda a um ritmo mais lento que o verificado para os imigrantes italianos. Nessa época eles estavam firmemente estabelecidos como proprietários nos distritos cafeeiros tradicionais (ver tabela 4). Em todo o país, apenas os italianos superavam-nos em termos de sua proporção entre os proprietários de terra em comparação com sua proporção na população estrangeira total (perfaziam 45% de todos os proprietários agrícolas e apenas 36% de todos os estrangeiros). Para os japoneses essa razão praticamente se equilibrava, e tanto para portugueses como para espanhóis a porcentagem entre os proprietários agrícolas era menos da metade da referente à sua participação na população total. Porém, em contraste com os italianos, mais numerosos e com maior número de proprietários de terras, os espanhóis e portugueses saíram-se bem melhor em termos das participações relativas do tamanho e riqueza das terras cultivadas. De fato, os espanhóis detinham o maior valor por acre dentre os quatro principais grupos de residentes estrangeiros.

---

(13) A argumentação e a análise que serão desenvolvidas nas páginas seguintes diferem fundamentalmente da visão que nega a mobilidade dos espanhóis apresentada em SOUZA-MARTINS (1988, p. 249-269.)

(14) HOLLOWAY (1984, cap. 6); ALVIM (1983, p. 262 ss.), para sua própria análise detalhada sobre o levantamento fundiário em 1906 e 1920 em São Paulo.

(15) Um bom sumário do debate acerca do sucesso ou fracasso dos imigrantes italianos, em especial na obtenção de propriedade de terras, encontra-se em STOLCKE (1986, p. 78-94). Embora essa autora aceite algumas partes do que ela denomina modelo "otimista", mesmo assim julga que ainda na década de 1920 os italianos não haviam avançado tanto quanto afirmaram alguns autores na passagem de trabalhadores sem terra a agricultores donos da própria terra.

TABELA 4

PROPRIEDADE DE TERRAS ENTRE GRUPOS DE IMIGRANTES  
DE PRIMEIRA GERAÇÃO NO BRASIL EM 1920

Origem	Nº de Propriedades Agrícolas	Tamanho Médio (hectares)	Valor Médio por Hectare (mil réis)	Proporção do Total de Propriedades	Proporção do Total de Terras Cultivadas	Proporção do Valor Total	Proporção da População Total
Italianos	35.894	76	170\$	5,54%	1,57%	4,41%	1,82%
Portugueses	9.552	380	71\$	1,47%	2,07%	2,45%	1,42%
Espanhóis	4.725	95	173\$	0,73%	0,26%	0,73%	0,72%
Japoneses	1.165	37	117\$	0,18%	0,02%	0,05%	0,16%
Todos os Estrangeiros	79.169	136	106\$	15,79%	6,14%	10,74%	5,11%
Brasileiros(*)	545.866	266	57\$	84,21%	82,81%	78,19%	94,88%
<b>Totais</b>	<b>648.153</b>	<b>270</b>	<b>60\$</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Notas: (\*) Devido à média de idade mais baixa e à menor proporção de homens na população nascida no Brasil, as proporções subestimam sua importância relativa como proprietários de terras em relação à sua participação na população total.

Fontes: DIRECTORIA GERAL DE ESTATÍSTICA, (1920, v. III, 1) ("Agricultura"), p. xxxii, quadro 22; para a última coluna sobre a proporção da população total, *ibid.*, IV, 1 ("População"), p. LXIII, 312-315.

Desdobrando-se mais esses totais nacionais e analisando-se os referentes somente à São Paulo (ver tabela 5), encontram-se os mesmos resultados relativos, embora pareça em geral que os espanhóis inicialmente não se saíram tão bem quanto os outros imigrantes nesse estado competitivo. Sua proporção entre os proprietários de fazendas era menor do que sua proporção na população, e o valor de suas fazendas era relativamente baixo, sendo portanto sua participação na riqueza, medida em termos de valor das propriedades agrícolas, menor do que sua porcentagem entre os proprietários agrícolas. Além disso, sua situação não foi tão boa quanto a dos portugueses, que não eram tão numerosos no estado<sup>(16)</sup>. Isso, porém, parecia ainda refletir sua chegada relativamente mais tardia nas áreas cafeeiras, pois os espanhóis em breve superaram seus rivais portugueses e se tornaram o segundo maior grupo de proprietários estrangeiros no estado.

(16) Compunham 20,6% da população total e apenas 16,0% dos proprietários. DIRECTORIA GERAL DE ESTATÍSTICA (1920, IV, 1ª, p. 313-317.)

TABELA 5

PROPRIEDADE DE TERRAS ENTRE GRUPOS DE IMIGRANTES  
DE PRIMEIRA GERAÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO EM 1920

Origem	Nº de Propriedades Agrícolas	Tamanho Médio (hectares)	Valor Médio por Hectare (mil réis)	Proporção do Total de Propriedades	Proporção do Total de Terras Cultivadas	Proporção do Valor Total	Proporção da População Total
Italianos	11.825	78	281\$	14,6%	6,6%	8,9%	8,7%
Portugueses	3.875	113	277\$	4,8%	3,1%	4,2%	3,6%
Espanhóis	3.530	59	255\$	4,4%	1,5%	1,8%	3,7%
Japoneses	1.151	82	126\$	1,4%	0,3%	0,2%	0,5%
Todos os Estrangeiros	22.065	87	263\$	27,3%	13,8%	17,4%	18,2%
Brasileiros(*)	54.245	181	187\$	67,0%	70,8%	63,5%	81,8%
Totais	80.921	172	208\$	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Notas: (\*) Devido à média de idade mais baixa e à menor proporção de homens na população nascida no Brasil, as proporções subestimam sua importância relativa como proprietários de terras em relação à sua participação na população total.

Fontes: DIRECTORIA GERAL DE ESTATÍSTICA, 1920, v. III, 1 ("Agricultura"), p. xxxv, quadro 23; para a última coluna sobre proporção da população total, *ibid.*, IV, 1 ("População"), p. LXIII, 316-317.

Durante a enorme expansão da atividade cafeeira no início da década de 1920, os imigrantes continuaram a prosperar não só quanto ao acesso à terra, mas também assumindo crescente importância como produtores de café. Em 1923, 32% dos pés de café produtivos na região cafeeira mais rica do Brasil, as planícies do oeste paulista, pertenciam a estrangeiros. Nem mesmo o impacto da Grande Depressão desacelerou essa expansão, pois em 1932 os imigrantes haviam aumentado para 39% sua participação como proprietários relativamente a todos os cafeeiros da região, e os espanhóis haviam despontado à frente dos portugueses como o segundo maior grupo de proprietários estrangeiros, possuindo 6% de todos os pés de café.

Poucos anos depois, esse percentual de proprietários estrangeiros elevou-se ainda mais. Em um censo agrícola especial de 1934, os estrangeiros haviam aumentado para 42% seu controle dos 1,5 milhão de pés de café no estado, e a contínua expansão da riqueza dos imigrantes espanhóis (possuíam agora 7,4% do total de cafeeiros) mantinha-os em segundo lugar, atrás dos italianos. Ademais, em contraste com sua situação em 1920, sua importância re-

lativa como proprietários de fazendas cafeeiras e produtores agora superava significativamente, em mais de três vezes, sua porcentagem na população total do estado de São Paulo (ver tabela 6). Os espanhóis, em geral, tiveram um sucesso razoável na produção da maioria dos gêneros alimentícios, embora com participação menor do que na atividade cafeeira – de aproximadamente 5 a 6% na maior parte das culturas. Mas em três culturas alimentícias em São Paulo, em 1954, sua importância relativa foi notável: cebola (com 26% das propriedades agrícolas e 36% da produção total), laranja (8% das propriedades e 13% da produção do estado) e banana (7% das propriedades e 12% da produção) (SECRETARIA DO ESTADO DOS NEGÓCIOS DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, 1936, p. 36 ss.).

TABELA 6

PROPRIEDADE DE FAZENDAS DE CAFÉ ENTRE OS  
ESTRANGEIROS EM SÃO PAULO, 1934

Origem	% de Fazendas	% de Cafeeiros	% da Produção Cafeeira (em arrobas)	% da População do Estado
Espanhóis	9,1	7,4	7,5	2,5
Italianos	24,2	21,5	21,4	4,7
Portugueses	6,3	6,0	5,5	2,7
Japoneses	5,6	3,6	3,4	2,0
Todos os estrangeiros	47,5	42,2	41,2	14,5
Brasileiros	52,3	57,4	58,4	85,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0(*)
N	82.305	1.480.433.324	80.625.015	6.433.327

Notas: (\*) Em vários casos os valores não somam 100% devido à inclusão de proprietários de origem desconhecida.

Fonte: SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO (1936, p. 35); para o total da população do estado em 1934, SECRETARIA DOS NEGÓCIOS METROPOLITANOS (1983, II, p. 165, tabela I-11; 171, tabela I-21).

Parecendo atraídos pelas principais áreas produtivas da região rural paulista, os espanhóis foram os que menos se concentraram em áreas urbanas dentre os principais grupos de europeus. No censo de 1934 do estado, 50% dos estrangeiros encontravam-se em centros urbanos, mas a porcentagem de

espanhóis nesses centros era de apenas 42%. O percentual de 58% de espanhóis residentes na zona rural era o mais elevado dentre os principais grupos europeus, sendo superado apenas pelo caso especial dos japoneses, dos quais 92% residiam em propriedades agrícolas. Além disso, embora os espanhóis compusessem o terceiro maior grupo de imigrantes na cidade de São Paulo, eles pareciam, como os japoneses, preferir os centros urbanos secundários à capital do estado (DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA, 1939, p.76-77).

Isso, por sua vez, pode explicar por que os espanhóis aparecem com relativamente pouca importância nos poucos exemplos disponíveis de participação de estrangeiros na força de trabalho urbana. Em 1911, por exemplo, quando 59% dos 10.204 trabalhadores têxteis de São Paulo eram italianos, os espanhóis representavam tão-somente 3% do total. Dos 2.299 trabalhadores empregados pelo estado nesse mesmo ano, os espanhóis representavam 7% da força de trabalho, ficando bem atrás de italianos e portugueses<sup>(17)</sup>. Naturalmente, a história do processo migratório ainda estava em seus primórdios, e a importância relativa dos espanhóis deve ter aumentado consideravelmente, especialmente com o rápido crescimento da indústria em todos os principais centros do estado. Em 1919, o estado de São Paulo abrigava 32% das indústrias brasileiras, tendo ascendido do patamar de 15% em 1909, e essa concentração seria sempre crescente nos anos vindouros<sup>(18)</sup>. Não obstante, parece que os imigrantes espanhóis nunca fizeram grandes incursões na propriedade de indústrias paulistas. Uma pesquisa sobre essas indústrias na década de 1970 mostra que os espanhóis, até a terceira geração, representavam apenas 3,8% dos diretores de empresa com 250 ou mais empregados na região metropolitana da Grande São Paulo, em comparação com 31% de descendentes de italianos, 10% de portugueses e netos e filhos de portugueses e apenas 20% de indivíduos de origem brasileira (com pelo menos os avós nascidos no Brasil). Igualmente, entre os donos de empresas com 100 ou mais empregados em São Paulo, imigrantes de primeira, segunda e terceira gerações e seus herdeiros controlavam 73% dessas empresas, sendo os italianos o maior grupo étnico isolado – mesmo em comparação com os brasileiros. Entretanto, os espanhóis da geração original e seus sucessores perfaziam menos de 2% dos proprietários desses estabelecimentos (BRESSER PEREIRA, 1974, p. 73, quadro XII, p. 78, quadro XVI, p. 198-200, Apêndice, quadro 4). A impressão

(17) DEPARTAMENTO ESTADUAL DO TRABALHO (1911-1912, p. 74-75 e 120-121).

(18) CANO (1983, p. 192, Tabela 23). Dos cerca de 760.000 homens empregados na indústria brasileira em 1920, 23% eram estrangeiros. DIRECTORIA GERAL DE ESTATÍSTICA (1920, IV, 5a. tomo I, p. xv).

geral que se tem quanto à trajetória ocupacional dos espanhóis é a de que eles se concentraram primordialmente na propriedade de terras nas zonas rurais e nas atividades comerciais em cidades interioranas e na capital. Parece que na força de trabalho urbana os mais importantes foram os portugueses – os mais urbanos dentre os imigrantes – e os italianos, e que estes últimos foram os que se apoderaram com mais presteza do controle do setor industrial.

As características especiais observadas para os espanhóis que desembarcaram em Santos na primeira parte do século 20 também produziram seus efeitos sobre os que entraram no mercado matrimonial na década de 1910 no estado de São Paulo (ver tabela 7). Dada a alta proporção de mulheres entre os imigrantes espanhóis que chegavam (comparável apenas à verificada entre os japoneses), não surpreende que entre os que se casaram, os espanhóis se destacassem na baixíssima razão entre os sexos (1,11, em contraste com 1,69 ou mais para todos os outros grupos de imigrantes relacionados na tabela 7). No entanto, é mais surpreendente a elevadíssima taxa de endogamia entre os espanhóis, singularizando-os entre os imigrantes europeus. Enquanto 33% dos espanhóis casaram-se com pessoas de sua nacionalidade, para italianos esse percentual foi 21% e, para os portugueses, 27%. Ainda mais surpreendente é o fato de, apesar de o casamento fora do grupo ser comum entre os homens estrangeiros (apenas 34% dos italianos casaram-se com italianas e somente 43% dos portugueses desposaram portuguesas) e menos freqüente entre as mulheres estrangeiras, no caso dos espanhóis tanto homens como mulheres casa-

TABELA 7

CASAMENTOS ENTRE ESTRANGEIROS E BRASILEIROS NATOS  
NO ESTADO DE SÃO PAULO EM 1916-17

Homens	Mulheres					Total
	Brasileiras	Italianas	Espanholas	Portuguesas	Outras	
Brasileiros	36.345	1.187	516	325	130	38.503
Italianos	3.807	2.119	221	100	81	6.328
Espanhóis	1.039	162	2.125	84	14	3.424
Portugueses	1.748	183	170	1.668	91	3.860
Outros	649	95	39	51	343	1.177
<b>Total</b>	<b>43.588</b>	<b>3.746</b>	<b>3.071</b>	<b>2.228</b>	<b>659</b>	<b>53.292</b>

Fonte: DIRECTORIA DO SERVIÇO SANITARIO DO ESTADO (1916 e 1917).

ram-se dentro de seu grupo étnico com quase a mesma freqüência (62% dos homens casaram-se com espanholas, e 69% de mulheres desposaram espanhóis<sup>(19)</sup>). Evidentemente, o padrão de um maior número de analfabetos e camponeses refletiu-se na maior propensão à endogamia mesmo entre os homens. Em contraste, embora as tradicionalistas portuguesas em três quartos dos casos desposassem compatriotas, menos da metade dos homens portugueses fizeram o mesmo. Nessa característica, assim como em muitas outras, apenas os japoneses superaram os portugueses. Embora pouquíssimos japoneses se casassem nesse período, pesquisas posteriores constataram que de 1908 a 1962 os imigrantes japoneses apresentaram uma elevadíssima taxa de endogamia (apenas 3% dos 38.729 homens japoneses que se casaram no período e tão-somente 0,3% das japonesas desposaram não-japoneses)<sup>(20)</sup>.

No entanto, a crescente instrução e urbanização dos imigrantes espanhóis logo forçou uma mudança significativa nos padrões de integração. Em 1926, por exemplo, entre os 4.093 espanhóis, homens e mulheres, que se casaram em todo o estado de São Paulo naquele ano, a porcentagem dos que desposaram compatriotas caíra agora para 24%, e não só a porcentagem de homens com casamentos endogâmicos diminuiu para 50% mas também as espanholas agora desposaram compatriotas em apenas 46% dos casos (SERVIÇO SANITÁRIO DO ESTADO, 1926, I, p. 33; II, p. 917). Essa tendência de integração à cultura brasileira evidenciou-se ainda mais no arrolamento de todos os casamentos realizados na cidade de São Paulo no período 1934-46. Aqui, em um período de migração significativamente reduzida, os 5.232 espanhóis que se casaram apresentaram uma taxa de endogamia de apenas 12%, com somente 20% dos homens desposando espanholas e 30% das mulheres desposando espanhóis. Neste caso, pela primeira vez na compilação de estatísticas matrimoniais para São Paulo, homens e mulheres nascidos na Espanha desposaram mais brasileiros do que compatriotas (ver tabela 8). É interessante notar que nessas estatísticas, e em outras subseqüentes, foram os portugueses – renovados pelo grande número de novos imigrantes nas décadas de 30 e 40 – que passaram a representar o grupo com mais casamentos endogâmicos, entre os europeus.

Embora nas décadas iniciais os espanhóis que trabalhavam na lavoura tivessem muito em comum com os imigrantes japoneses, desde o início com-

---

(19) Entre as italianas, 57% casaram-se com compatriotas; para as portuguesas, o índice foi bem maior: 75%.

(20) Mesmo os filhos de imigrantes mantiveram essas características; um estudo de 1958-1962 informa que apenas 18% dos filhos de sexo masculino dos japoneses casaram-se fora de seu grupo, e somente 8% das mulheres da segunda geração fizeram o mesmo. Ver COMISSÃO DE RECENSEAMENTO DA COLÔNIA JAPONESA (1964, p. 356, Tabela 276).



TABELA 8

CASAMENTOS ENTRE ESTRANGEIROS E BRASILEIROS NATOS  
NA CIDADE DE SÃO PAULO EM 1934-46(\*)

Homens	Mulheres					Total
	Brasileiras	Italianas	Espanholas	Portuguesas	Outras(**)	
Brasileiros	103.490	1.331	1.079	1.742	1.259	108.901
Italianos	3.200	754	66	128	106	4.254
Espanhóis	2.254	48	619	84	145	3.150
Portugueses	5.711	118	198	2.853	119	8.999
Outros	2.049	62	120	202	3.762	6.195
<b>Total</b>	<b>116.704</b>	<b>2.313</b>	<b>2.082</b>	<b>5.009</b>	<b>5.391</b>	<b>131.499</b>

Notas: (\*) Não dispomos de dados para 1939.

(\*\*) "Outros" inclui todos os demais estrangeiros imigrantes.

Fonte: Para 1934-38: DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA (1934, n. 9 (Anexo), p. 25, e o mesmo n. 9 (Anexo) para os seguintes anos: 1935, p. 26; 1936, p. 27; 1937, p. 28; 1938, p. 29). Para 1940-46: GUIMARÃES (1952, p. 90).

partilharam mais características com os demais imigrantes europeus. No tocante ao objetivo de regressar à Europa, empenharam-se tanto quanto os italianos em voltar para seu país natal e lá novamente fixar residência. Dada a capacidade de retornar à Europa ou migrar para outros países latino-americanos verificada entre os espanhóis, a imigração espanhola no Brasil revelou-se tão sensível às crises econômicas quanto as demais migrações de europeus. Todos os estudos demonstram que qualquer crise nos preços do café refletia-se imediatamente em um aumento nas taxas de reemigração e no correspondente declínio do número de imigrantes que chegavam. Ademais, estimativas recentes de Ferreira Levy retificaram para menos as taxas de fixação mais elevadas calculadas por Giorgio Mortara, que estimara que quase 70% dos imigrantes entrados no país nele permaneciam. Em contraste, Ferreira Levy estima uma taxa de fixação de 64%, e efetivamente mostra que os espanhóis situaram-se em segundo lugar em termos das mais altas taxas de retorno, atrás dos italianos, para quem Mortara havia estimado uma reemigração da ordem de 50% (FERREIRA LEVY, 1974, p. 62-67; MORTARA, 1950, p. 325).

Como evidencia este estudo bastante preliminar, a imigração espanhola

para o Brasil consistiu, em suas primeiras etapas, em um caso especial de migração européia, trazendo para o país um fluxo de imigrantes em sua maioria formados em unidades familiares, acompanhados de grande número de filhos. Esses trabalhadores agrícolas não-especializados eram os menos instruídos entre os imigrantes europeus recém-chegados, mas logo compensaram essa desvantagem em sua ascensão social e econômica. A posse de terras parece ter sido o principal objetivo dessa primeira geração, e na década de 1930 os espanhóis claramente constituíam uma força dominante na agricultura paulista. Em um grau surpreendente, os imigrantes espanhóis foram os que mais se assemelharam aos japoneses entre todos os outros grupos. Entretanto, a crescente mobilidade econômica desses imigrantes, refletida pela propriedade da terra, também não tardou a refletir-se na integração social. Enquanto na década de 1910 os espanhóis foram os mais endógamos dentre os imigrantes europeus, além de ocuparem o segundo lugar em termos de natalidade (FERREIRA LEVY, 1974, p. 67), em fins da década de 1930 eles se voltavam firmemente para a aculturação intensiva com a população brasileira nativa. O exame de dados sobre casamentos no período 1934-46 deixa claro que os espanhóis então já não eram diferentes dos outros grupos principais e estavam rapidamente perdendo sua identidade étnica e reduzindo seu isolamento.

## APÊNDICE À TABELA 1

IMIGRAÇÃO ESPANHOLA NO BRASIL E EM SÃO PAULO, 1872-1972  
(POR QÜINQUÊNIO)

Período	Total Brasil	São Paulo
1872-1877	1.552	n.d.
1878-1881	5.792	n.d.
1882-1884	7.331	694
1885-1889	18.738	4.843
1890-1894	89.609	42.316
1895-1899	74.684	44.678
1900-1904	23.146	18.842
1905-1909	90.086	69.682
1910-1914	143.485	108.154
1915-1919	38.166	27.172
1920-1924	44.906	36.502
1925-1929	37.025	27.312
1930-1934	9.751	4.876
1935-1939	3.175	1.708
1940-1944	610	181
1945-1949	4.092	1.136
1950-1954	55.874	34.256
1955-1959	38.819	28.040
1960-1964	25.495	12.924
1965-1969	2.902	86
1970-1972	949	177
<b>Total</b>	<b>701.377</b>	<b>462.885</b>

Nota: n.d. = não disponível.

Fonte: FERREIRA LEVY (1974, Tabela 8, p. 83).

## Referências Bibliográficas

- ALVIM, Zuleika M F. *Brava gente! Os italianos em São Paulo, 1870-1920*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- . *Emigração, família e lutas: Os italianos em São Paulo, 1870-1920*. Dissertação de mestrado, USP-FFLCH, Departamento de História, 1983.
- ARQUIVO NACIONAL, Rio de Janeiro. *Entrada de Estrangeiros*. Livro 100. Manuscrito (vários anos).

- BERNAL, Antonio M. La emigración de Andalucía. In: SÁNCHEZ-ALBORNOZ (org.). *Españoles hacia América, la emigración en masa, 1880-1930*. Madrid, Alianza Editorial, 1988.
- BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos, *Empresários e administradores no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1974.
- CAMARGO, José Francisco de. *Crescimento da população no estado de São Paulo e seus aspectos econômicos*. 2. ed. São Paulo, FIPE/USP, 1981, 3 v. (Ensaio Econômico, 14).
- CANO, Wilson. *Razes da concentração industrial em São Paulo*, 2. ed. São Paulo, DIFEL, 1983.
- COMISSÃO DE RECENSEAMENTO DA COLÔNIA JAPONESA. *The Japanese Immigrant in Brazil*. Tóquio, University of Tokyo Press, 1964.
- DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA. São Paulo. *Boletim, Ano de 1934*, n. 9.
- DEPARTAMENTO ESTADUAL DO TRABALHO. São Paulo. *Boletim, Anno I*, n. 1-2, 1911-1912.
- DIRECCION GENERAL DEL INSTITUTO GEOGRÁFICO, CATASTRAL Y DE ESTADÍSTICA. *Estadística del movimiento de buses y pasajeros por mar con el exterior*. Madrid, 1933.
- DIRECTORIA DO SERVIÇO SANITÁRIO DO ESTADO, SECÇÃO DE ESTATÍSTICA DEMOGRAPHO-SANITÁRIA. *Anuario Demographico*. São Paulo. Ano XXIII (1916) e Ano XXIV (1917).
- DIRECTORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. *Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920*.
- FERREIRA LEVY, Maria Stella. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972). São Paulo, *Revista de Saúde Pública*, 8 (Supl.):49-90, jun. 1974.
- GUIMARÃES, Caio de Freitas. A assimilação dos principais estrangeiros através das estatísticas dos casamentos e nascimentos, na população do Município de São Paulo 1940/46. Departamento Estadual de Estatística, *Boletim Especial*, Ano XIV, 21 fase, n. 1 (1952).
- HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café. Café e sociedade em São Paulo, 1886-1934*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- IBGE. *A distribuição territorial dos estrangeiros no Brasil*. Rio de Janeiro, 1958. (Estudos de Estatística Teórica e Aplicada, Estatística Demográfica, 23).
- \_\_\_\_\_. *Anuário Estatístico do Brasil - 1954*, ano xv.
- IGLESIAS, Fe. Características de la inmigración española en Cuba, 1904-1930. In: SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Nicolás (org.). *Españoles hacia América, la emigración en masa, 1880-1930*. Madrid, Alianza Editorial, 1988.
- KLEIN, Herbert S. Tráfico de escravos. Rio de Janeiro, IBGE. *Estatísticas Históricas do Brasil*, 1987.
- MERRICK, Thomas W. & GRAHAM, Douglas H. *População e desenvolvimento econômico no Brasil*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- MORTARA, G. A imigração italiana no Brasil e algumas características do grupo italiano de São Paulo. *Revista Brasileira de Estatística*, Ano XI (44):559-578, out./dez. 1950.
- REPARTIÇÃO DE ESTATÍSTICA E ARQUIVO DO ESTADO. *Anuario Estatístico de São Paulo*, São Paulo, 1909.
- SÁNCHEZ-ALBORNOZ, N. (org.). *Españoles hacia América, la emigración en masa, 1880-1930*. Madrid, Alianza Editorial, 1988.
- SÁNCHEZ-ALONSO, Blanca. La emigración española a la Argentina, 1880-1930. In: SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Nicolás (org.). *Españoles hacia América, la emigración en masa, 1880-1930*. Madrid, Alianza Editorial, 1988.
- SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, DIRECTORIA DE TERRAS, COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO (D. T. C. I.). São Paulo, *Boletim I*:1, Outubro, 1937.
- SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. *Recenseamento Agrícola-Zootécnico Realizado em 1934*. São Paulo, 1936.
- SECRETARIA DOS NEGÓCIOS METROPOLITANOS, EMPLUSA. *Reconstituição da Memória Estatística da Grande São Paulo*. São Paulo, 1983. 2 v.
- SERVIÇO SANITÁRIO DO ESTADO. *Anuario Demographico 1926*. Anno XXXII. São Paulo.
- SOUZA MARTINS, José de. La emigración española en Brasil, y la formación de la fuerza de trabajo en la economía cafetalera, 1880-1930. In: SÁNCHEZ-ALBORNOZ, N. (org.). *Españoles hacia América, la emigración en masa, 1880-1930*. Madrid, Alianza Editorial, 1988.
- STOLCKE, Verena. *Cafecultura, homens, mulheres e capital (1850-1980)*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- TABOADA, Xosé Antonio López. *Economía e población en Galicia*. Coruña, 1979.
- VÁZQUEZ, Alejandro. La emigración gallega. Migrantes, transporte y remesas. In: SÁNCHEZ-ALBORNOZ, N. (org.). *Españoles hacia América, la emigración en masa, 1880-1930*. Madrid, Alianza Editorial, 1988.

(Originais recebidos em novembro de 1988. Revistos pelo autor em maio de 1989).